

Entre fios de *Tucum* e trançados de saber: um olhar de dentro sobre a Etnomatemática nas mãos das mulheres indígenas

Rosane Gonçalves Cruz

São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil

oholipahko.cruz@gmail.com

Mestra em Educação

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

<https://orcid.org/0009-0004-4864-3424>

Nascida às margens onde a cachoeira da onça murmura histórias antigas, entre o sagrado das águas e o som dos *kariçús* que embalam a memória do mundo, neta de *Wehetada*, conhecedor profundo das palavras da floresta, dos sons e dos caminhos da sabedoria. Cresci entre redes, cantos, contos, saberes e fazeres do povo *Piratapuya*, essa sou eu – *Oholipahkó*.

Antes que os números viessem do papel, eu já contava com as mãos. Antes que alguém me dissesse o que era Geometria, eu já via padrões nas cestarias, simetrias nos grafismos, repetições nos trançados e cálculos no dia a dia. Foi observando minha mãe tecendo *Samburás* de *Tucum* que entendi que nossos saberes são completos. Não fragmentamos o conhecimento — nele tudo está entrelaçado, como os fios que correm firmes entre os dedos das mulheres indígenas da minha comunidade.

A fibra do *Tucum* é resistente, como a vida das nossas mulheres. Para extraí-la, é preciso conhecer a palmeira, respeitar seu tempo, saber quando a palha está boa para o uso. A palmeira do *Tucum* cresce firme na mata, coberta de espinhos e cheia de segredos. É dela que a indígena artesã retira, com cuidado e sabedoria, a folha nova — ainda fechada, ainda viva.

Com a ajuda dos pés, ela puxa a fibra. É preciso jeito, paciência. Não se força a natureza, apenas se acompanha o seu ritmo. Depois, vem o tingimento. Frutos e folhas viram cor: urucum pinta de vermelho, jenipapo escurece como noite. Cada mistura carrega um tempo, uma medida, um saber antigo. Seca-se ao sol, separa-se por tamanho. As fibras viram ramas, e as ramas viram novelos. Tudo medido em metros e memórias. Com a agulha

em mãos, começa o trançado. O ponto *puçá* abre caminho para a forma: uma bolsa, uma história. E assim, do coração da palmeira até os dedos da mulher indígena artesã, a fibra do *Tucum* vira arte. Nada disso é feito por acaso. Cada gesto carrega observação, cálculo, estratégia, tempo e conhecimento acumulado — uma verdadeira ciência que nasce da relação íntima com a natureza. A cada bolsa que nasce, surge também um mapa de saberes. As mãos das mulheres indígenas artesãs sabem quantas voltas o fio precisa dar para que a bolsa tenha o tamanho certo. Sabem calcular o quanto de fibra será necessário para evitar desperdício. Reconhecem padrões visuais e criam desenhos simétricos que obedecem a uma lógica visual e cultural precisa. Isso é Matemática, só que uma Matemática viva, orgânica, transmitida de mãe para filha, nas redes, nos cantos e nos silêncios. Foi a partir dessa vivência profunda e cotidiana com o trançado do *Tucum*, observando os saberes das mulheres indígenas da minha comunidade, que iniciei minha pesquisa em Etnomatemática.

Como mulher e pesquisadora indígena que hoje transita também pelo espaço acadêmico, vejo com clareza a potência dos nossos fazeres. O que as instituições de ensino chamam de Etnomatemática é, para nós, vida cotidiana. É o saber que pulsa no cotidiano da comunidade, é a contagem do tempo pela lua, a previsão das chuvas pela dança dos ventos, a geometria dos corpos que dançam nos rituais, a lógica do plantar e do colher.

Esses saberes, quando valorizados e reconhecidos, podem fortalecer de forma significativa a Educação Escolar Indígena, criando pontes entre os saberes da tradição, e o conhecimento científico e as práticas pedagógicas respeitando a cultura e os modos próprios de ensinar e aprender em nossas comunidades.

Nossas avós não usam termos técnicos, mas conhecem profundamente o tempo, a medida, o ritmo, o espaço. Elas são as matemáticas da floresta, e o que produzem vai muito além do objeto: produzem memória, identidade e permanência. As bolsas de *Tucum* não são só bolsas — são registros vivos da nossa forma de pensar e existir no mundo. Carregam histórias, saberes, rezas, lutas e afeto. São a materialização de um saber da tradição que continua sendo tecido, fio a fio, geração após geração.

Como neta de *Wehetada*, trago nos meus passos a responsabilidade de manter esses saberes vivos, e na minha escrita, o desejo de que o mundo os reconheça não como curiosidade, mas como ciência primeira. Nossa matemática não precisa ser traduzida para ser respeitada. Ela já fala — com o som do *Tucum* sendo trançado, com o ritmo dos cantos, com a firmeza das mãos das nossas mulheres indígenas artesãs. Acreditamos que quando a raiz é forte, o saber da tradição floresce, resiste e continua a trançar o futuro das próximas gerações.

Enquanto houver fios de *Tucum* sendo trançados pelas mãos de mulheres indígenas, haverá também uma Etnomatemática sendo vivida — com amor, com memória, com resistência, com as mãos, com as palavras, com o espírito.

**Entre fios de tucum e trançados de saber:
um olhar de dentro sobre a Etnomatemática nas mãos das mulheres indígenas**

**Between tucum threads and braids of knowledge:
an inside look at Ethnomathematics in the hands of indigenous women**

**Entre hilos de tucumán y trenzas de saberes:
una mirada al interior de la Etnomatemática en manos de mujeres indígenas**

Resumo

A crônica reflete sobre a Etnomatemática a partir da vivência da autora, mulher indígena do povo Piratapuya. A partir do trançado da fibra do tucum, reconhece práticas matemáticas nos saberes e fazeres das mulheres indígenas, como medida, proporção, simetria e cálculo. A narrativa critica a fragmentação do saber ocidental e defende os conhecimentos indígenas como forma legítima de ciência. Valoriza-se a Etnomatemática como expressão viva e territorializada, essencial para fortalecer a educação escolar indígena e promover a interculturalidade de forma respeitosa, dialógica e alinhada aos modos próprios de aprender e ensinar.

Palavras-chave: Etnomatemática. Saberes da tradição. Mulheres indígenas. Fibra de tucum. Educação Escolar Indígena.

Abstract

The chronicle reflects on Ethnomathematics based on the experience of the author, an indigenous woman from the Piratapuya people. Based on the weaving of tucum fiber, she recognizes mathematical practices in the knowledge and practices of indigenous women, such as measurement, proportion, symmetry and calculation. The narrative criticizes the fragmentation of Western knowledge and defends indigenous knowledge as a legitimate form of science. Ethnomathematics is valued as a living and territorialized expression, essential to strengthen indigenous school education and promote interculturality in a respectful, dialogical way, aligned with indigenous ways of learning and teaching.

Keywords: Ethnomathematics. Traditional knowledge. Indigenous women. Tucum fiber. Indigenous School Education.

Resumen

La crónica reflexiona sobre la Etnomatemática a partir de la experiencia de la autora, una mujer indígena del pueblo Piratapuya. A través del trenzado de fibra de tucumán, reconoce prácticas matemáticas en los conocimientos y prácticas de las mujeres indígenas, como la medida, la proporción, la simetría y el cálculo. La narrativa critica la fragmentación del conocimiento occidental y defiende el conocimiento indígena como una forma legítima de ciencia. Se valora la Etnomatemática como una expresión viva y territorializada, esencial para fortalecer la educación escolar indígena y promover la interculturalidad de manera respetuosa, dialógica y alineada con las formas específicas de aprender y enseñar.

Palabras clave: Etnomatemáticas. Conocimiento de la tradición. Mujeres indígenas. Fibra de tucum. Educación Escolar Indígena.